

## À CAÇA DOS PROBLEMAS DA CIDADE DO PORTO: A IMPORTÂNCIA DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO NA PERSPETIVA DOS PEQUENOS CIDADÃOS

**Paulo Manuel Costa LEMOS**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

[pmlemos@letras.up.pt](mailto:pmlemos@letras.up.pt)

**Júlio Filipe Seixas da ROCHA**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

[jfiliperochaa@gmail.com](mailto:jfiliperochaa@gmail.com)

**Maria Salomé Fernandes RIBEIRO**

Escola Secundária António Nobre

[salomeconde@gmail.com](mailto:salomeconde@gmail.com)

### Resumo

O projeto *PROM@T'WEEN*, inserido no currículo da disciplina de Geografia, cujas matrizes assentam na temática do Ordenamento do Território e das Cidades Sustentáveis e Inclusivas, apresenta-se como uma importante contribuição dos alunos do 8º ano da Escola Secundária António Nobre para o Ordenamento da Cidade do Porto.

Através das aulas de Geografia, estes foram acicatados a procurar na sua comunidade os "problemas urbanos da cidade": através da sua identificação, elaboraram o seu respetivo "B.I." e foram desafiados a tecer considerações e sugestões para os mitigar ou até erradicar, indo ao encontro de um ambiente mais valorizado e de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. São estes alunos, mais do que nós, que vos alertam que o paradigma do Desenvolvimento Sustentável é (ou pode ser) a resposta de que necessitamos!

De facto, não podemos mostrar-vos soluções concretas e concretizáveis para os problemas identificados, até porque, esse, não é o nosso propósito. Pretendemos, sim, que a nossa voz seja ouvida como um apelo consciente às entidades competentes pela gestão da cidade do Porto: ao utilizar o Ordenamento do Território podemos e devemos definir e delinear novas estratégias de organização e planeamento do mesmo, uma vez que o grande desafio que se visa para o futuro (e mesmo para as políticas de Ordenamento do Território atuais) é o de saber como perspetivar para estas áreas, um modelo de ocupação estável, procurando novos equilíbrios dos ecossistemas, e destes com as dinâmicas económicas e com as vivências sociais, promovendo uma valorização e reconhecimento da importância do território como um espaço de vivências, mais do que um simples espaço geográfico de suporte às atividades económicas exploradas pela Humanidade.

**Palavras-chave:** Geografia; Didática; Ordenamento do Território; Cidades Imaginárias

### Abstract

The project *PROM@T'WEEN*, inserted in the curriculum of the discipline of Geography, whose matrices are based on the Territory Planning and Sustainable and Inclusive Cities, is an important contribution of the 8th grade students of the António Nobre High School to the Planning of the City of Porto.

Through the Geography classes, they were encouraged to look in their community for the "urban problems of the city": through their identification, they elaborated their respective "B.I." and were challenged to make considerations and suggestions to mitigate or even eradicate them, going to a more valued environment and a more inclusive and equitable society.

It are these students, more than us, who warn you that the Sustainable Development paradigm is (or may be) the answer we need! In fact, we can not show you concrete and concretizable solutions to the problems identified, because that is not our purpose.

We want our voice to be heard as a conscious appeal to the competent entities for the management of the city of Porto: when using the Territorial Planning we can and should define and delineate new strategies of organization and planning of the same, since the great challenge for the future (and even for the current Land Use Planning policies) is to know how to develop a stable occupation model for these areas, looking for a new equilibrium of the ecosystems, and these with the economic dynamics and the social experiences, promoting a valorization and recognition of the importance of the territory as a living space, more than a simple geographic space to support the economic activities exploited by humanity.

**Keywords:** Geography; Didactics; Territory Planning; Imaginary Cities;

## 1. Introdução

A Geografia é talvez uma das disciplinas mais importantes do *Curriculum* da Ensino Básico, pois possibilita à nossa comunidade estudantil desenvolver a sua capacidade crítica e reflexiva sobre a realidade e os problemas inerentes ao seu quotidiano, incentivando-os a uma tomada de consciência sobre as responsabilidades, os direitos e deveres sociais, com o objetivo de efetivamente tornar os nossos estudantes *agentes da mudança* desejáveis e necessários para a sociedade contemporânea.

Em prol disso, o projeto *PROM@T'WEEN*tem, a nosso ver, uma mensagem muito clara, objetiva e perturbadora que ousamos já vos desvendar: mais do que nunca, compreende-se hoje que os padrões de ocupação do território estão contínua e dinamicamente a mudar, germinando transformações ambientais, sociais, económicas, políticas e culturais que inevitavelmente influenciam as concentrações populacionais, o despovoamento, a segregação e a coesão territoriais... Isto é, afetam o potencial ecológico, paisagístico e produtivo do território, num caminho inquietante! Porque, mais do que o presente, o que nos atormenta é o futuro: como viveremos, se nada mudarmos?

A estes pensamentos certamente ninguém saberá responder com certezas, apenas pode-se construir cenários que se poderão ou não concretizar. Contudo, o que é certo, é que se quisermos sobreviver num planeta fragilizado e prejudicado pelas nossas ações e pelo nosso padrão de desenvolvimento e consumo atuais, devemos assegurar a preservação dos recursos naturais limitados (Lopes,1996) e simultaneamente valorizar os espaços (urbanos) existentes, mais do que aqueles que estão pensados ou previstos para o futuro (Madureira, 2005). Ou seja, mais que planear e usar, devemos ordenar e desfrutar!

Assim, e socorrendo-nos da Geografia, como disciplina norteadora na compreensão do território, pretendemos, mostrar-vos a forma como os nossos pequenos cidadãos conseguem ter já uma visão territorial que lhes permite identificar os problemas que afetam o seu território, e propor medidas para os resolver e valorizar o desenvolvimento económico-social, a gestão dos recursos naturais e humanos e a preservação do património, pois acreditamos de forma veemente que as nossas crianças têm a capacidade de modificar e de transformar mentalidades, de disseminar novas formas de explorar, usar e de gerir os territórios em que estão inseridos. Através delas, e com elas, bem como com a ciência geográfica ao seu lado, cremos que a nossa mensagem será entregue e explorada com os seus

familiares, amigos e vizinhos, que, em conjunto, têm o *dom* de fazer muito com gestos tão pequenos e simples, cujo resultado final é, por si só, grandioso, quando falamos de um território que é de todos.

## 2. (Breve) Revisão da Literatura Científica

*“A organização do território não prescinde do planeamento, mas pode ser vítima dele quando este se processa segundo ideias erradas e dogmáticas que se transformam em factores de desordem!”*

(Fernando Santo, 2006, Bastonário da Ordem dos Engenheiros)

São muito poucos, na verdade, aqueles que perspetivam o Ordenamento do Território como uma das práticas mais importantes e vitais atuais. Traduzindo-se, grosso modo, na gestão equilibrada e sustentável da interação homem e espaço natural, o Ordenamento do Território consiste no planeamento das ocupações, no potenciar do aproveitamento das infra-estruturas existentes e no assegurar da preservação dos recursos naturais, principalmente aqueles que são limitados (Amado, 2007; Campos e Ferrão, 2015).

Nesta medida, as contínuas e, por vezes, profundas transformações que os padrões de ocupação do território, quer europeu, quer nacional estão sujeitos, instigam, de forma inequívoca, transformações sociais, económicas, culturais e políticas que influenciam as concentrações populacionais, o despovoamento, a segregação e a coesão territoriais, atualmente considerados os grandes desafios impostos ao Ordenamento do Território (Alves, 2001). Face ao exposto, é curioso reparar-se que só nestas duas primeiras décadas deste novo milénio em que vivemos, se assistiu ao acentuar do fenómeno da expansão incontrolada e desordenada das principais cidades portuguesas (sobretudo Lisboa e Porto que comportam na sua dimensão as duas únicas e grandes áreas metropolitanas nacionais) e da ocupação dispersa das extensas áreas periurbanas, que acabaram por fragmentar espaços e afetar o potencial ecológico, paisagístico e produtivo dos territórios. Como vários autores o puderam frisar, este processo de expansão urbana atual, incontrolada e desordenada, tem sido responsável por ocasionar inúmeros impactes ambientais, referentes à qualidade de vida urbana. Aliás, possui, já, vários efeitos negativos, afectando, na grande maioria das vezes, as características e aptidões de territórios específicos, onde hoje começam a proliferar paisagens marcadamente urbanas (Silva *et al.*, 2012).

Assim, é natural compreender-se que em qualquer «*urbe*» (portuguesa ou internacional), as funções urbanas, com características muito particulares, acabam por interagir entre si, criando, por vezes, problemas que necessitam de ser (re)pensados, discutidos e, numa última instância, resolvidos (Amado, 2001). São diversos os tipos de ocupação do homem no território; são diferentes os usos impostos ao solo. São variados os aglomerados humanos resultantes, diferentes em dimensão e em características, justificando-se e sendo ao mesmo tempo razão das utilizações que se estabelecem no território (Lopes, 1996). São, por isso, desafios que marcam as vivências urbanas atuais e que espelham a forma como planeamos o território; como o organizamos e, sobretudo, como nos apropriamos dele e o utilizamos, pois

funções como a agricultura ou a indústria, o comércio ou os serviços encontram no tipo de aglomerado os argumentos para o seu estabelecimento, moldando e transformando a forma destes, estabelecendo relações de cumplicidade e de reciprocidade. São modos de ocupar o território, distintos nos seus conceitos e finalidades, que se complementam, sustentando aquilo a que nos atreveríamos a designar de “*colonização humana*”. Os aglomerados humanos, sendo todos eles diversos e complexos nas suas razões território (Lopes, 1996). Falamos, por exemplo, daquilo que é hoje a Grande Área Metropolitana do Porto, nosso caso de estudo, marcada por uma densidade populacional exacerbada que tem tornado extremamente difícil a aquisição de uma qualidade de vida boa e impossibilitado uma gestão urbana que se deseja equilibrada; por grandes vias de circulação e de comunicação, que (inter)ligam diferentes lugares e que permitem que diferentes funções se (cor)relacionem e se articulem com outros locais importantes da cidade, tais como os parques, as praças e, ainda, as praças, considerados pela comunidade científica como espaços (re)pensados para sustentarem momentos de (con)vivência e de lazer. Espaços, estes, que existem, curiosamente, em quase todos os bairros e quarteirões, cujos prédios organizam a lógica da habitação na estrutura urbana e que, simultaneamente, são perspetivados como elementos que definem um desenho invulgar e característico de cada «*urbe*». Um desenho próprio das «*gentes*» que, nalgum momento da sua vida, marcaram a forma de o ocupar, de o organizar e de o viver.

É por isso que o Homem assume uma centralidade unívoca nestas questões. Hoje, aliás, seria impensável falar-se nas problemáticas aqui retratadas, sem que se tomasse consciência e se compreendesse a importância vital dele na transfiguração das paisagens e dos lugares, julgando-se, assim, que as alterações que celebra, por mais pequenas, simples ou ínfimas que possam ser, terão, incontestavelmente, repercussões que influenciam e desequilibram a estrutura que é o Ordenamento do Território, até porque o Homem, na sua localização, nas atividades que gera e que pratica, e em todo o seu quotidiano está indiscutivelmente envolvido na génese e no destino do ordenamento e planeamento territoriais (Campos e Ferrão, 2015). Por isso é que na atualidade, a Humanidade tem vindo a preocupar-se com a utilização e gestão racional e sustentada dos recursos naturais existentes (principalmente, os de carácter finito), procurando, também, estabelecer normas, cânones ou, se quisermos, regulamentos (com é o caso do Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território – PNPOP) para as ocupações que celebra no território, sempre com o objetivo último de qualificar a sua própria vida e de salvaguardar o ambiente. Trata-se, por isso, de (re)valorizar ou de preservar o património natural, cultural ou construído, de prever e de ordenar as transmutações e as dinâmicas dos aglomerados populacionais, de estabelecer o equilíbrio necessário a uma evolução sustentada para as ocupações antrópicas (Campos e Ferrão, 2015).

É certo, e não poderemos deixar de o salvaguardar que, cada passo dado no sentido da preservação do ambiente natural, cultural, histórico e, até mesmo, arquitectónico, quer seja no sentido estrito do conservadorismo ou simplesmente baseado em premissas de gestão equilibrada e consciente de território e dos recursos nele existentes, tem que, para que possa ser correctamente executado, ser acolhido pelas comunidades que pretende servir ou que, de outro ponto de vista, são por essas medidas

reguladas e condicionadas (Crespo,1997). Por isso mesmo, é que nos últimos anos, a política de Ordenamento do Território nacional tem vindo a incentivar, cada vez mais, a participação ativa e cívica das populações nestas questões, para que compreendam e colaborem nas medidas que tendem a um ordenamento cada vez mais sustentável do(s) «seu(s)» território(s). Para que isso se concretize, para que se estude e compreenda os problemas complexos que afetam atualmente as nossas cidades e para que se justifique, de forma razoável e coerente, a vivência das populações e a sua forma de ocupar e usar o território, é necessário percebê-los e compreender as suas influências na lógica do ordenamento: a economia e a gestão, a geografia e a geologia, a sociologia e a etnografia, a arquitectura e o urbanismo são alguns dos muitos saberes que deverão contribuir para a definição de princípios de ordenamento coerentes e inscritos na realidade da região.

Em suma, é compreensível que este é e será sempre um processo dinâmico e ativo, onde as premissas que o constituem estão constantemente a evoluir, a transformarem-se, obrigando, por isso mesmo, a constantes, necessárias e preciosas reavaliações, muitas vezes, devido a modificações efectuadas em consequência das próprias medidas de planeamento para o território. Foi, aliás, com este intento, o de se conseguir gerir de forma qualificada o território em que vivemos, tirando o partido máximo das suas potencialidades, usando os seus recursos sem os extinguir, na consciência que a Terra em que vivemos, o seu ambiente, a sua natureza são, fundamentalmente, património das gerações vindouras, que os nossos alunos do 8º ano de escolaridade quiseram ofertar o seu contributo que a seguir vos apresentaremos.

### **3. Objetivo(s)**

A Geografia assume um papel estrutural na educação dos nossos alunos. Se por um lado, os mune de uma perspectiva e consciência globais, que os conduz a aperceberem-se dos dilemas e dos problemas urbanos, regionais, nacionais e, até mesmo, internacionais e multiculturais que afetam os territórios com que interagem; por outro, dota-os das ferramentas imprescindíveis para a sua compreensão, estudo e resolução.

Assim sendo, o grande objetivo deste projeto é consciencializar os nossos estudantes do 8º ano de escolaridade de que a cidade precisa de nós e que estes têm o dever de a ajudar, tornando-se, assim, cidadãos ativos, reivindicativos e intervenientes. Para isso, foi nossa intenção, revelar-lhes, com este projeto que, para cada problema sinalizado por si, a solução (ou as soluções) e as oportunidades à dinamização desse mesmo espaço, respeitando sempre os princípios do Ordenamento e Planeamento do Território, por eles estudados nas sessões de Geografia, eram possíveis e concretizáveis. Para além deste propósito foi, ainda, nossa intenção contrariar a focalização dos jovens de hoje nas tecnologias e incitar a observação do espaço de vivência.

#### 4. Metodologia(s)

O projeto iniciou-se quando os estudantes, agrupados em 4 elementos procederam à inventariação de locais problemáticos do seu trajeto pendular casa-escola, na cidade do Porto (*Figura 1*): através da recolha de coordenadas geográficas, com recurso à aplicação *Wikiloc*, registaram, ainda, os momentos que observaram com um apontamento fotográfico dos locais e preencheram, também, uma Ficha de Trabalho de Campo (*Figuras 1 e 2*), identificando o problema (ambiental, socioeconómico ou urbanístico em causa) e propondo metodologias de resolução/mitigação para o mesmo, com recurso ao conhecimento de senso comum/científico (apreendido nas sessões de Geografia) sobre o Ordenamento

FICHA DE RECOLHA DE DADOS – GEOGRAFIA (8º As)			
PROBLEMA			
DESCRIÇÃO (RESUMIDA) DO PROBLEMA	Opinião dos alunos: “ <u>O que mais me choca?</u> ” “ <u>Porquê?</u> ”!		
CATEGORIA			
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	Latitude	Longitude	Altitude
Morada	Rua		
	N.º	Código Postal	
FOTOGRAFIA	Optou-se por utilizar a modalidade do <i>Street View</i> do <i>Google Earth</i> !		
SUGESTÃO (E JUSTIFICAÇÃO – EXEMPLOS PRÁTICOS JÁ IMPLEMENTADOS)	<u>Medidas propostas pelos alunos e orientadas pelos docentes da disciplina!</u>		
Responsável		Data	- -

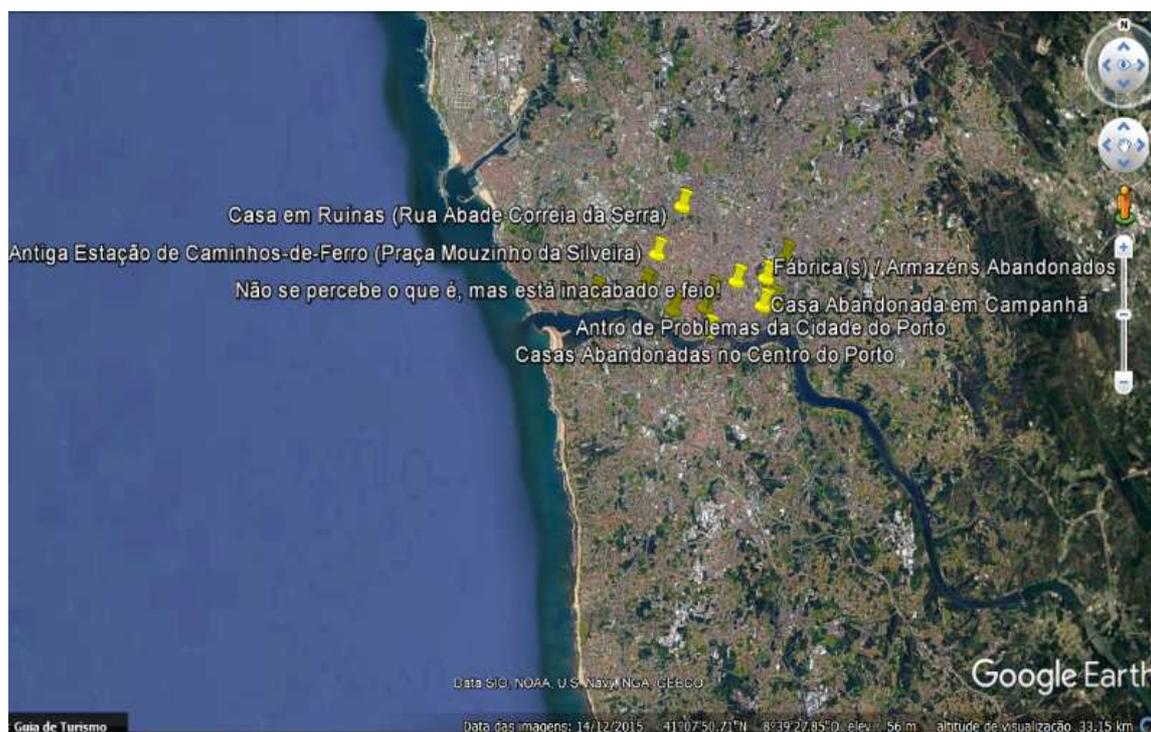
*Figura 1* - Ficha de Recolha de Dados

FICHA DE RECOLHA DE DADOS – GEOGRAFIA (8º As)			
PROBLEMA	Edifícios degradados / Taipais de obra		
DESCRIÇÃO (RESUMIDA) DO PROBLEMA	Nas cidades <del>en</del> encontram-se frequentemente edifícios degradados ou taipais de obra que são bastante desagradáveis à vista dos cidadãos.		
CATEGORIA	<i>Fotofeios de burlas</i>		
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	Latitude	Longitude	Altitude
	41,144932	-8,640703	? 41m
Morada	Rua	Avenida D. Afonso Henriques	
	N.º	Código Postal	
FOTOGRAFIA			
SUGESTÃO (E JUSTIFICAÇÃO – EXEMPLOS PRÁTICOS JÁ IMPLEMENTADOS)	A sugestão para o problema a cima descrito é colocar telas/rede de ocultação sobre os edifícios degradados antes da restauração e sobre os que estão em recuperação. Estas telas têm como objetivo deixar a cidade mais bonita visualmente. Estas telas podem conter uma imagem do edifício antes de ser restaurado, uma única cor (mas igual em todas as telas. Exemplo: Telas/todos brancas.), publicidade ou, até mesmo, a possibilidade de haver projeção na tela/rede.		
Responsável	João Henrique de Araújo Cardoso	Data	25 - 04 - 2017

*Figura 2* - Ficha de Recolha de Dados preenchida

## 5. Resultados e Discussão

Os resultados obtidos, numa primeira fase, e que foram divulgados nestas Jornadas Internacionais, estão sistematizados no primeiro mapa que corresponde ao inventário efetuado pelos alunos da turma 8<sup>o</sup> As da Escola Secundária António Nobre. Após este inventário completo, tínhamo-nos proposto analisar estes pontos-problema de uma forma mais ponderada e categorizá-los de acordo com três tipologias de problemas urbanos estudados nas sessões de Geografia. Assim, foi consenso dos professores e alunos da turma que os *pins* de cor:



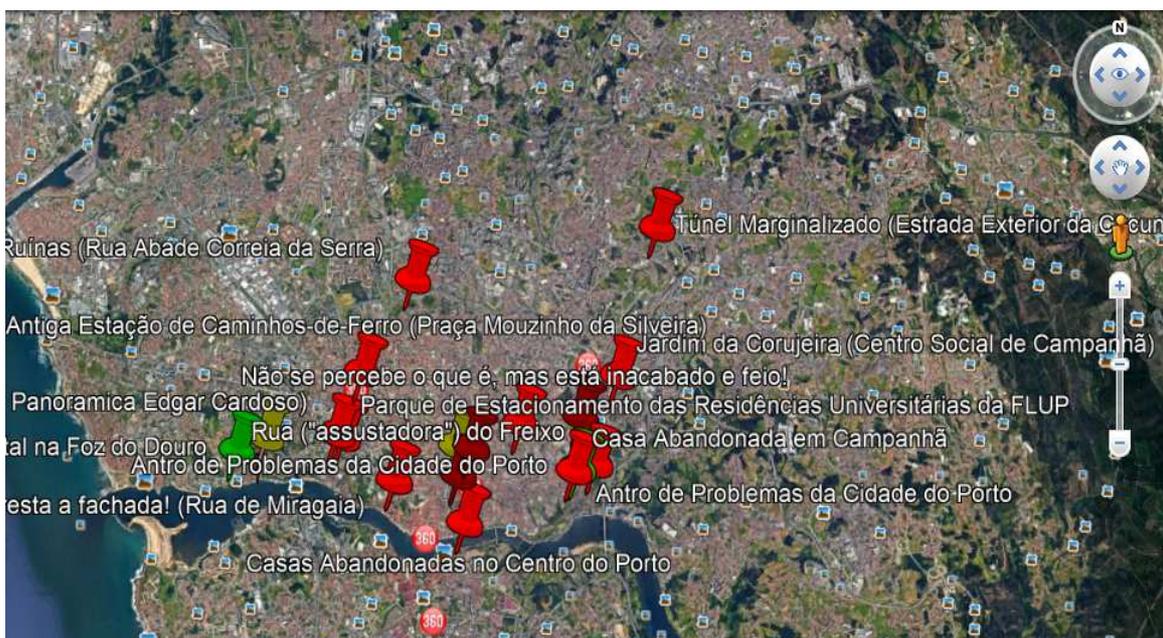
**Figura 3** – Inventário dos locais problemáticos da Cidade do Porto apresentado nas Jornadas

- **Verde**, sinalizassem os problemas categorizados como «Ambientais»;
- **Vermelho**, os problemas que os nossos alunos categorizaram como «Urbanísticos»;
- **Amarelo**, reconhecessem os problemas «Socioeconómicos».

De acordo com a perspetiva pormenorizada dos nossos estudantes (*Figura 3*), podemos aferir que os problemas que se destacam na nossa cidade, ou pelo menos aqueles que constituíram maior preocupação para os nossos alunos foram os problemas urbanísticos, sendo que do total de 18 locais recolhidos (*Figura 3*), catorze são de cariz urbanístico, dois de cariz ambiental e outros dois constituíam um problema socioeconómico (*Figura 4*). Esses pontos apresentam-se descritos na tabela que,

posteriormente, apresentamos (*Tabela 1*), onde implementamos também, a caracterização que o grupo de alunos fez relativamente a cada ponto inventariado.

A *Tabela 1* elucida as várias reações dos nossos alunos relativamente aos locais inventariados. Em grande escala, o sentimento que nos transmitem é de desilusão e de indignação, ainda para mais numa cidade que é considerada como ponto de partida e de chegada de turistas (Carvalho e Marcelino, 2015).



**Figura 4** – Inventário (original) categorizado dos locais problemáticos da Cidade do Porto

Assim sendo, não nos resta qualquer dúvida: da avaliação elaborada pelos estudantes, os problemas urbanísticos são visivelmente os mais destacados, dando a ideia de que cada vez mais se enceta um sentimento de menosprezo pelo património edificado, principalmente o que já não apresenta grande serventia. Em grande número, são identificadas fábricas e armazéns abandonados. Estes espaços devolutos, localizados em grande parte nas freguesias do Porto Oriental, como Campanhã, espelham um reflexo de uma industrialização colocada em segundo plano e substituída a um ritmo alucinante, na nossa cidade, pelos serviços, deixando nas malhas do tempo e nas marcas territoriais os esqueletos de estruturas que outrora serviram um Porto marcadamente influenciado por estabelecimentos fabris (Projeto A.R.U. de Campanhã, 2015). Este fenómeno torna-se notório também em muitas habitações abandonadas, muitas delas inseridas nas famosas *ilhas* destinadas em outros tempos à habitação do corpo operário que povoava quase toda a área oriental da cidade.

Por outro lado, em menor quantidade os alunos identificaram problemas ambientais, e na maior parte das vezes quando os identificaram aliaram-nos a repercussões de problemas de foro urbanístico, normalmente associados a edifícios devolutos que por sua vez aliavam também a problemas socioeconómicos, justificando que todo o abandono a que estavam dotadas determinadas áreas da cidade promovia a marginalidade e comportamentos desviantes e perigosos, formando na cidade lugares proibidos à frequência.

**Tabela 1** – Inventário categorizado e descrito dos locais problemáticos, por Freguesia, da Cidade do Porto

<b>Categoria</b>	<b>Local/Problema</b>	<b>Freguesia</b>
Problema Socioeconómico	<b>Avenida dos Aliados</b> - Muita mendicidade. Na Avenida dos Aliados, quando o movimento diurno e noturno acalmam, começam a surgir as camas de papelão que servem de abrigo aos mendigos, que vão ocupando porta sim, porta não, os edifícios administrativos desta área e que se encontram encerrados durante a noite.	Santo Ildefonso
Problema Socioeconómico	<b>Bairro do Aleixo</b> - Neste local há uma concentração de grupos desfavorecidos. Além disto, é comum acontecerem nesta área atos ligados à marginalidade como assaltos e consumo/tráfico de estupefacientes.	Lordelo do Ouro
Problema Urbanístico	<b>Túnel Marginalizado Circunvalação</b> - Encontra-se degradado. O túnel é atravessado por condutas de saneamento não isoladas que provocam quedas aos transeuntes que nele circulam.	Paranhos
Problema Urbanístico	<b>Rua Abade Correia da Silva</b> - Um problema grave - casa em ruínas (devoluto) que representa um perigo à circulação pública, fomenta a marginalidade e, ainda, causa impacto visual (um ponto muito pouco atrativo).	Paranhos
Problema Urbanístico	<b>Jardim da Corujeira</b> - O jardim da Corujeira tem o piso desnivelado e degradado, com raízes de árvores salientes. A isto junta-se o facto de neste mesmo jardim existir um Centro Social que recebe idosos com dificuldades em movimentar-se.	Campanhã
Problema Urbanístico	<b>Rua de Sá da Bandeira</b> - Edifício devoluto que dá uma má impressão da Cidade do Porto, porque ajuda a aumentar a marginalidade, a mendicidade e a prostituição. Além do mais são edifícios muito antigos que a qualquer momento podem ruir, matando pessoas e danificando bens. Esta rua é muito movimentada.	Santo Ildefonso
Problema Urbanístico	<b>Praça Mouzinho da Silveira</b> - Estação de Caminhos de Ferro Abandonada - Uma antiga estação ferroviária desativada, num local central da cidade, que dá má imagem a este local, até porque se encontra muito perto da Casa da Música (uma obra invulgar e apelativa).	Cedofeita
Problema Urbanístico	<b>Rua do Freixo</b> - Uma antiga fábrica em ruínas e uma rua insegura com bairros operários que pertenciam à mesma fábrica, abandonados e igualmente em ruínas.	Campanhã
Problema Urbanístico	<b>Parque de estacionamento da Faculdade de Letras do Porto</b> - Um parque de estacionamento de terra batida que liga a FLUP às Residências Universitárias. Acaba por criar uma má imagem numa área de prestígio.	Massarelos
Problema Urbanístico	<b>Parque de estacionamento, Via Panorâmica (Rua Engenheiro Edgar Cardoso)</b> - Um parque de estacionamento com o piso em "altos e baixos" com buracos. Quando chove fica com verdadeiras "piscinas sujas" a céu aberto.	Massarelos
Problema Urbanístico	<b>Edifício degradado São Bento</b> - Um edifício esquecido pela Câmara há muito tempo, perto da Estação de S. Bento e que causa grande impacto visual (paisagístico). Sendo também um problema de Ordenamento do Território.	Santo Ildefonso
Problema Urbanístico	<b>Fábricas e armazéns abandonados – Rua de Justino Teixeira</b>	Campanhã

	Uma rua cheia de fábricas (ou o resta delas!?) abandonadas e degradadas. Têm portões vandalizados, vidros partidos e estão sem cuidado nenhum: a relva que existia deu lugar às silvas e à vegetação selvagem.	
Problema Urbanístico	<b>Casa Abandonada em Campanhã</b> - Uma casa em ruínas. As janelas já se encontram tapadas com blocos de cimento.	Campanhã
Problema Urbanístico	<b>Problema Urbanístico Infraestrutura não identificada – Rua dos Abraços</b> -Infraestrutura inacabada abandonada e dá mau aspeto à freguesia.	Bonfim
Problema Urbanístico	<b>Devoluto, apenas com fachada – Miragaia</b> - O resto de uma casa que só existe porque tem alicerces que servem de estruturas a suportá-la e a apoiar os seus alicerces. É uma ruína que dá má impressão numa área movimentada da cidade do Porto: por aqui passam muitos turistas (a pé, de carro, autocarro, bicicleta e de elétrico) e afasta as pessoas, porque dá a sensação de ser insegura e mal cuidada.	Miragaia
Problema Urbanístico	<b>Casas Abandonadas – Porto Histórico – Ribeira</b> , Uma rua estreita, onde mal passam carros, com muitas casas abandonadas.	São Nicolau
Problema Ambiental	<b>Foz do Douro</b> - Parece que as pessoas gostam de passear em paisagens sujas e cheias de lixo. Vejo águas poluídas e a cheirar um pouco mal, porque acho que são feitas aqui algumas descargas dos prédios e das fábricas à beira rio. Poluir as águas de um curso de água é matar animais e manchar as águas de uma cor nojenta!	Lordelo do Ouro
Problema Ambiental	<b>Rua da Formiga</b> - É um “antro” de problemas, por causa da fábrica abandonada que lá está. É um lugar cheio de problemas: a fábrica que está visivelmente abandonada, com vidros partidos e em ruínas e, ainda, o lixo que as pessoas teimam em colocar em plena rua, mesmo quando têm o caixote do lixo ao lado!	Campanhã

Fonte: *Elaboração Própria (Aulas de Geografia)*

Apenas dois foram os lugares, onde respetivamente identificaram individualmente um problema ambiental e um socioeconómico. Vejamos, em primeiro lugar, o socioeconómico: os nossos alunos identificaram-no na Avenida dos Aliados, onde o justificaram pela presença de mendicidade no local. De facto, podemos facilmente reconhecer uma Avenida dos Aliados com duas dinâmicas diferentes: a primeira, durante o dia, em que este local é facilmente identificado como a “sala de estar” da cidade, com os residentes e turistas a calcorrear a rua, ora em passo apressado e de passagem, ou, por outro lado, em passo vagaroso de quem passeia e veio conhecer. Podemos dizer que apesar de toda esta dinâmica se mantém cada vez até mais tarde. Mas, quando os turistas se recolhem, de facto, começam a surgir, porta após porta, as *casas de papelão* que ocupam esta área central da cidade até ao nascer do dia. Relativamente ao problema ambiental, este foi detetado na foz do Rio Douro, onde alguns encanamentos e desvios de esgotos levam resíduos e dejetos até ao curso de água, prejudicando não só as espécies que habitam aquelas águas, mas degradando toda a vegetação envolvente e podendo trazer alguns problemas de saúde a quem por ali passa (Lima, 2005).

Em jeito de conclusão, muito mais do que inventar espaços degradados na cidade do Porto que necessitam urgentemente de intervenção, está a forma como os nossos estudantes se debruçaram sobre este projeto, colocando em prática os ensinamentos que foram validando nas sessões de Geografia. Deveras, se repararmos, ao longos das últimas duas décadas de ensino, a ciência geográfica tem sofrido enormes mutações ao evoluir de um modelo de ensino necessariamente centrado na transmissão objetiva e racional da informação (a que se acompanha uma ideia de neutralidade e de passividade dos estudantes), para um modelo onde os estudantes são os *agentes da mudança*, primando-se não só pela

interiorização de conceitos e conteúdos, mas, e principalmente, pela forma como os colocam em prática e os validam, gerando um espírito crítico e reflexivo, de atitudes e valores éticos, face aos problemas com que se debatem e tentam solucionar (André e Cachinho, 1996).

## 6. Conclusão

Com este projeto, pretendeu-se ressaltar um dos principais objetivos da educação geográfica: o colocar em prática o conhecimento que os estudantes detêm sobre uma determinada problemática, seja ela social e/ou ambiental, dos diferentes lugares do mundo (Souto González, 1998). Aliás, estamos em crer que é neste sentido que o ensino da Geografia se deve nortear, extrapolando as suas principais dificuldades, nomeadamente a rotina, sem inspiração, nem objetivos que a guiem, e a improvisação sem ordem, nexos ou sentido que acaba por se tornar confusa (Mattos, 1960, *in* Bordenave, 1983).

Deste modo, pretendeu-se revelar a forma como os nossos pequenos cidadãos conseguem ter já uma visão territorial que lhes permite identificar os problemas que o afetam, e propor medidas para os resolver e valorizar o desenvolvimento económico-social, a gestão dos recursos naturais e humanos e a preservação do património. Além disso queríamos, de certo modo, clarificar o papel dos mesmos como cidadãos ativos e intervenientes tornando-os pessoas cívicas e conscientes do meio em que estão inseridos. Cidadãos que sabem interagir e se comprometer plenamente com a comunidade em que estão inseridos, envolvendo-se e participando na resolução dos problemas que a afetam.

Assim, não podemos deixar de frisar que a nossa intenção é que a nossa voz seja ouvida como um apelo às entidades competentes pela gestão da cidade do Porto de que esta precisa de ser continuamente cuidada e valorizada, pois é a nossa cidade do presente e do futuro! Ao utilizar a Geografia como ferramenta do Ordenamento do Território podemos (e devemos!) definir e delinear novas estratégias de organização e planeamento do mesmo (Martinez-Fernandez *et al.*, 2012), uma vez que o grande desafio que se visa para o futuro (e mesmo para as políticas de Ordenamento do Território atuais) é o de saber como perspetivar para estas áreas, um modelo de ocupação estável, procurando novos equilíbrios dos ecossistemas, e destes com as dinâmicas económicas e com as vivências sociais, promovendo uma valorização e reconhecimento da importância do território como um espaço de vivências, mais do que um simples espaço geográfico de suporte às atividades económicas exploradas pela Humanidade. Os estudantes de hoje são os decisores do amanhã, a educação é o motor do desenvolvimento de uma comunidade, reflectir sobre as problemáticas espaciais desde os primeiros anos de escolaridade, possibilita aos jovens desenvolver as competências de análise espacial que vão para além do conhecimento conceptual, resultando num sentimento de pertença a um espaço comunitário, que deve resultar na formação de cidadãos ativos que integram e se comprometem com a comunidade.

## 7. Bibliografia

- ALVES, R. (2001). *Planeamento e Ordenamento do Território e o Estado Português – contributos para uma intervenção renovada*. IST, Lisboa.
- AMADO, M. P. (2007). *Planeamento Urbano Sustentável*. Caleidoscópio.
- BORDENAVE, J.D. e PEREIRA, A.D. *Estratégias de Ensino-Aprendizagem, Petrópolis: Vozes*
- CAMPOS, V.; FERRÃO, J. (2015). *O Ordenamento do Território em Portugal: Uma Perspetiva Genealógica*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- CARVALHO, R. e MARCELINO, I. (2015). O Porto está na Moda. *Diário Económico*.
- CRESPO, J. (1997). Algumas reflexões sobre a preservação do património. *Revista Risco*. Nº.: 14
- LIMA, N. (2005). *Poluição aquática: o rio Douro como instrumento de educação ambiental no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade do Mnho.
- LOPES, H. (1996). *Considerações sobre o Ordenamento do Território*. [[http://www.ipv.pt/millenum/ect7\\_hmsp.htm](http://www.ipv.pt/millenum/ect7_hmsp.htm) - Acedido em: 30 de Março de 2017]
- MADUREIRA, H. (2005). *Paisagem urbana e desenvolvimento sustentável. Aparentamentos sobre uma estreita relação entre Geografia, Desenvolvimento Sustentável e Forma Urbana*. Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- MARTINEZ-FERNANDEZ, C., AUDIRAC, I., FOL, S., & CUNNINGHAM-SABOT, E. (2012) Shrinking Cities: Urban Challenges of Globalization, *International Journal of Urban and Regional Research*, 36(2). pp.: 213–225
- Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana de Campanhã, Maio 2015
- SILVA, R.; SOUZA, R.; CASTRO, M.; BHERING, D.; TEIXEIRA, M.; (2012). *Impactos Ambientais causados pela exanção urbana do Bairro Inconfidentes, Viçosa, MG*. Anais: IV SIMPAC. Volume 4. Nº.: 1 – Viçosa – MG. Janeiro – Dezembro 2012. pp.: 199 – 204
- SOUTO GONZÁLEZ, X. (1990). Projectos Curriculares y didáctica de Geografía, *Geocrítica* nº85, Universidad de Barcelona, pp. 3/43.
- SOUTO GONZÁLEZ, X. (1998). *Didáctica de la Geografía*, Barcelona: Ed. del Serbal.